Laura Bellini

Antes de Você Acreditar em Mim

Uma bela história não substitui a verdade sincera



Antes de Você Acreditar em Mim

Uma bela história não substitui a verdade sincera

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384903001

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Condições que não negocio 12
Capítulo 2 - Tudo o que não colocamos no contrato 23
Capítulo 3 - O perfume das palavras não ditas 37
Capítulo 4 - Quando os assuntos seguros chegam ao fim 48
Capítulo 5 - O direito de dizer não 63
Capítulo 6 - Onde as palavras chegam ao fim 74
Capítulo 7 - Entre nós e a verdade 85
Capítulo 8 - As pessoas que escolhemos 95
Capítulo 9 - O risco que escolhemos correr juntos 106
Capítulo 10 - O que já não escondemos 118
Capítulo 11 - A intimidade tem seus limites 131
Capítulo 12 - A história que não correspondia aos documentos 143
Capítulo 13 - O preço das expectativas dos outros 155
Capítulo 14 - A verdade que ele ainda não sabia contar 167
Capítulo 15 - Tudo o que você não me contou 180
Capítulo 16 - Uma distância que não podemos encurtar 193
Capítulo 17 - O que pertence a mim 205
Capítulo 18 - O preço da verdade 216
Capítulo 19 - Tudo o que resta depois da verdade 229
Capítulo 20 - Antes de você acreditar em mim 242

INTRO

A primeira coisa que percebi foi o cheiro.

Não era perfume, embora meu ateliê, havia alguns dias, mais parecesse o laboratório de alguém que tinha perdido o juízo. Era um cheiro de papel úmido, madeira antiga e alguma coisa levemente amarga, que lembrava casca de laranja esquecida no parapeito de uma janela. Vinha de uma pequena caixa de papelão sobre a minha mesa.

A caixa não era minha.

Às oito e dezessete daquela manhã de segunda-feira, considerei aquilo o primeiro problema do dia.

O segundo era o homem que acabara de entrar no meu ateliê, em Cracóvia, sem demonstrar a menor intenção de se desculpar por ter chegado fora do horário combinado.

— Dominika Sucha? — perguntou.

Ergui os olhos da tela. Ele usava um casaco escuro, sob o qual aparecia um suéter cinza-chumbo, e tinha a aparência de alguém acostumado a tomar decisões. Não era excessivamente elegante. O que mais chamava a atenção nele era uma naturalidade descontraída, como se nunca precisasse se perguntar se estava no lugar certo.

— Depende de quem está perguntando.

Ele esboçou um sorriso.

— Julian Wilk.

Eu conhecia aquele nome. Três dias antes, tinha recebido uma mensagem do proprietário de uma pequena fábrica de perfumes de Cracóvia, que procurava uma designer de identidade visual para uma nova marca. Respondi que

poderia oferecer uma consulta na quarta-feira. Ele replicou que quarta-feira seria tarde demais.

Não interpretei aquilo como um convite para negociar.

— Nossa reunião estava marcada para quarta-feira — observei.

— Eu sei.

— E hoje é segunda-feira.

— Eu percebi.

Deixei a caneta digital de lado. Não porque ele tivesse me impressionado. Eu simplesmente não gostava quando alguém ultrapassava limites antes mesmo que eu tivesse a oportunidade de estabelecê-los.

— Nesse caso, temos um problema de agenda.

Julian olhou para a caixa.

— Trouxe uma coisa que talvez seja do seu interesse.

— E eu tenho uma coisa que talvez seja do seu interesse. Minhas condições de trabalho.

Dessa vez, ele soltou uma risada baixa. Sem deboche. Era mais o riso de alguém que acabara de encontrar, inesperadamente, uma pessoa disposta a responder com a mesma firmeza.

Eu deveria ter encerrado a conversa.

Tinha trinta e um anos, meu próprio ateliê, um financiamento de um apartamento no bairro de Podgórze, em Cracóvia, e experiência suficiente com clientes que tratavam o tempo dos outros como um benefício gratuito incluído na fatura. Naquele momento, estava desenvolvendo a identidade visual de uma marca de cerâmica, um projeto que poderia abrir as portas para uma parceria com um

estúdio maior em Copenhague. Pela primeira vez em muito tempo, meu futuro profissional começava a assumir a forma que eu mesma havia imaginado.

Não pretendia permitir que um desconhecido de voz bonita reorganizasse minha segunda-feira.

— Você tem dez minutos — avisei.

— É suficiente.

— Eu não teria tanta certeza.

Ele só tirou o casaco depois que indiquei uma cadeira. Percebi aquele pequeno detalhe, apesar de mim mesma. Antes de se sentar, empurrou a caixa na minha direção, mas não a abriu sem minha permissão.

— Quero criar uma fragrância baseada na história da minha família — explicou. — Não mais um produto com cheiro de luxo que não conta história nenhuma. Quero alguma coisa que tenha memória.

— Memória é difícil de vender.

— Não quero vendê-la.

Lancei-lhe um olhar significativo.

— Você é dono de uma fábrica de perfumes.

— Quero vender perfumes. A memória deve ser a razão pela qual eles serão criados.

Aquela frase era melhor do que eu esperava.

Julian abriu a caixa. Dentro havia folhas amareladas, algumas fotografias, um pedaço de fita bordô e um pequeno frasco de vidro. A tampa tinha um formato irregular, e no gargalo ainda restava a marca de uma antiga etiqueta.

Peguei cuidadosamente uma das fotografias. Mostrava uma mulher de vestido claro, em pé junto a uma mesa de

madeira. Seu rosto estava parcialmente encoberto pela sombra, mas a maneira como apoiava a mão sobre o tampo parecia surpreendentemente natural.

— Quem era ela?

— Minha avó, Helena.

— E o frasco?

— Pertencia a ela.

Girei o vidro entre os dedos. Na base havia pequenas irregularidades que poderiam indicar a idade do objeto. Eu, porém, não entendia o suficiente de vidros antigos para tirar conclusões.

— O que está escrito nessas folhas?

— Anotações. Fórmulas, lembranças, trechos de correspondência. Helena passou anos experimentando fragrâncias.

— Ela era perfumista?

Julian hesitou por uma fração de segundo.

— Nunca profissionalmente.

Aquela hesitação não me passou despercebida, embora pudesse ter sido apenas o resultado de um instante comum de reflexão.

Desdobrei a primeira folha. A tinta havia desbotado em alguns pontos. Entre os nomes dos ingredientes, encontrei palavras escritas em letras menores: Não se esqueça do cheiro daquela noite.

Senti uma pontada inesperada de emoção.

Minha mãe guardava pequenas lembranças parecidas. Bilhetes, ingressos, flores secas. Depois de sua morte, passei muito tempo sem conseguir olhar para aquelas

coisas. Mais tarde, descobri que os objetos mais difíceis de descartar são justamente aqueles que não têm valor algum para mais ninguém.

— É lindo — admiti.

— É exatamente por isso que estou aqui.

Coloquei a folha de volta sobre a mesa.

— Eu não disse que vou aceitar o projeto.

— Ainda não.

— Senhor Wilk...

— Julian. Se vamos conversar sobre fragrâncias que permanecem na memória por toda uma vida, acho que podemos dispensar as formalidades.

Eu deveria ter interpretado aquilo como mais uma tentativa de diminuir a distância entre nós. Em vez disso, percebi o cansaço escondido sob sua autoconfiança. As sombras discretas sob os olhos, a tensão nos dedos que alisavam a ponta da fita bordô.

— Dominika — respondi, embora ainda não pretendesse concordar com mais nada.

Seu olhar permaneceu por um instante no meu rosto.

— Prazer em conhecer você.

Não respondi imediatamente. Havia surgido em sua voz uma nota de calor que não estivera presente durante nossa troca de palavras anterior. Também percebi que, enquanto aguardava minha reação, ele não tentava preencher o silêncio. A maioria dos clientes tinha medo do silêncio. Julian permitia que ele existisse.

Voltei aos documentos.

No verso da fotografia havia uma data: 1968. Ao lado, uma anotação feita com uma caligrafia diferente. Alguém escrevera apenas duas palavras: Primeira tentativa.

— O que isso significa?

Julian se inclinou para examinar a inscrição.

Por um momento, ficamos mais próximos do que a situação exigia. Ele tinha um cheiro de cedro e de alguma coisa fresca, difícil de identificar. Não era uma fragrância forte, feita para chamar a atenção. Era mais uma presença discreta, que só se descobria a uma pequena distância.

— Provavelmente a primeira fórmula da minha avó — respondeu.

— Provavelmente?

Ele se endireitou.

— Nem tudo no arquivo pode ser interpretado com absoluta certeza.

Guardei aquela resposta na memória.

Não porque tivesse despertado suspeitas imediatamente. No meu trabalho, eu frequentemente lidava com materiais incompletos. Mas sabia como uma suposição podia se transformar rapidamente em certeza quando começava a servir a uma bela narrativa publicitária.

— Vou precisar de informações comprovadas — falei. — Se decidirmos trabalhar juntos, não vou colocar meu nome numa história que não conseguimos documentar.

— Entendo.

Ele respondeu imediatamente.

Talvez imediatamente demais.

Fechei a caixa e a empurrei na direção dele.

— Vou preparar uma proposta com as condições de trabalho. Depois da nossa reunião de quarta-feira.

Julian olhou para a tampa fechada e depois para mim.

— Vou deixar o arquivo aqui. Gostaria que você pudesse examiná-lo com calma.

— Eu não aceitei o trabalho.

— Eu sei. Você pode recusar.

Ele se levantou e pegou o casaco. Não tentou me convencer com dinheiro nem prometeu um sucesso extraordinário. Aquela contenção era mais intrigante do que a segurança que demonstrara antes.

Ao chegar à porta, virou-se mais uma vez.

— Dominika?

— Sim?

— Não estou procurando alguém que simplesmente crie uma embalagem bonita.

— Ótimo. Porque eu também não estou procurando um cliente que precise apenas de uma embalagem bonita.

Ele sorriu, mas dessa vez não respondeu.

Quando saiu, o silêncio voltou a ocupar o ateliê. Na tela, o projeto inacabado das etiquetas de cerâmica continuava esperando por mim. O calendário me lembrava dos prazos que eu havia estabelecido com tanto cuidado. Tudo parecia exatamente igual a uma hora antes, exceto pela caixa de papelão no centro da minha mesa.

Abri-a novamente.

Debaixo das fotografias havia um pequeno envelope. Eu não o tinha notado antes. Retirei de dentro uma folha de papel fino na qual alguém escrevera algumas frases e

depois riscara as duas últimas. A tinta era mais escura do que a dos outros documentos.

Li o trecho que permanecia visível.

Nem toda história deve ser contada da maneira como gostaríamos de nos lembrar dela.

Fiquei imóvel, segurando a folha entre as mãos, com a lembrança do olhar de Julian quando falava da avó.

Eu queria criar alguma coisa verdadeira. Algo que não precisasse explicar mais tarde nem defender diante da minha própria consciência.

E, no entanto, pela primeira vez em muito tempo, desejava com a mesma intensidade conhecer o homem que havia trazido aquela história até mim.

Mas será que eu conseguiria confiar nele se a beleza de sua narrativa se revelasse mais importante do que a verdade?

Capítulo 1 - Condições que não negocio

Na quarta-feira de manhã, empurrei minha xícara de café para a outra ponta da mesa e li pela terceira vez a mensagem de Julian Wilk.

Vou levar amostras da fragrância. Espero que os documentos não tenham assustado você mais do que minha aparição de segunda-feira.

Eu não sabia o que me irritava mais: o fato de ainda me lembrar exatamente do som da voz dele ou o sorriso que surgiu espontaneamente no meu rosto quando olhei para a tela.

Respondi de maneira breve:

Documentos raramente me assustam. Clientes que não respeitam os horários, com muito mais frequência.

A resposta chegou quase imediatamente.

Vou chegar cinco minutos antes.

Deixei o celular de lado antes que pudesse escrever outra coisa igualmente desnecessária.

Durante dois dias, eu havia me ocupado do arquivo que ele deixara no meu ateliê. Não toquei nele durante o restante da segunda-feira, depois de sua partida, tentando convencer a mim mesma de que tinha assuntos mais urgentes. Na terça-feira à noite, espalhei os documentos sobre a mesa grande, preparei uma luminária de braço articulado e comecei a fotografar as folhas individualmente, para poder trabalhar depois com as cópias.

Algumas anotações eram simples e práticas. Nomes de ingredientes, proporções, observações breves sobre a

duração das fragrâncias. Outras pareciam trechos de um diário. Helena Wilk escrevia sobre flores que se abriam depois da chuva, sobre laranjas amargas, sobre um armário de cedro no apartamento de sua mãe. Entre tudo aquilo havia fotografias e pequenos envelopes sem destinatários.

O que mais me intrigava, porém, era a folha com a frase riscada.

Nem toda história deve ser contada da maneira como gostaríamos de nos lembrar dela.

Eu não conseguia determinar se aquelas palavras haviam sido escritas muitos anos antes ou bem mais recentemente. O papel parecia diferente dos demais documentos. Era mais fino, mais liso e praticamente não apresentava manchas de envelhecimento. Isso poderia significar que alguém o acrescentara ao arquivo anos depois.

Não pretendia tirar conclusões precipitadas.

Mas pretendia fazer algumas perguntas.

Às nove e cinquenta e cinco, a campainha tocou.

Julian cumprira sua palavra.

Quando abri a porta, ele estava no corredor segurando uma caixa preta e achatada em uma das mãos e uma sacola de papel na outra. Dessa vez, usava uma camisa clara sob um blazer escuro. Seu cabelo parecia ter sido arrumado com os dedos, e não com um pente.

— A pontualidade é o primeiro passo de um longo caminho para a reabilitação — comentei.

— Trouxe argumentos em minha defesa.

Ergui as sobrancelhas.

— Se forem comestíveis, posso considerar aceitá-los.

Ele tirou da sacola dois croissants de uma padaria próxima.

— Um de amêndoas e outro de framboesa. Não sabia qual você prefere.

— E se eu não comer doces?

— Nesse caso, vou ter que comer os dois e aceitar minha derrota.

Deixei que entrasse.

Não porque tivesse comprado o café da manhã. Pelo menos, não exclusivamente por isso.

Meu ateliê ocupava dois cômodos de um prédio antigo, perto de Kazimierz. No maior ficavam as mesas de trabalho, estantes com amostras de papel e um enorme quadro onde eu prendia meus esboços. O menor servia para reuniões. Eu gostava das janelas altas, do piso de madeira que rangia e das paredes irregulares que o proprietário certa vez se oferecera para alisar. Recusei. Nem tudo precisava parecer recém-saído de uma fábrica.

Julian parou diante do quadro.

— Esses projetos são seus?

— A maioria.

— Cada um parece completamente diferente.

— Isso deveria soar como uma crítica?

— Como um elogio. Eu achava que designers tinham um estilo próprio e o impunham a todos os clientes.

— Bons designers sabem distinguir suas preferências pessoais das necessidades de uma marca.

Ele me observou com interesse.

— E você é uma boa designer?

— Boa o suficiente para saber que não deveria responder a essa pergunta.

Ele riu e se sentou diante de mim.

Espalhei os materiais que havia preparado. Na primeira página estava o cronograma; na segunda, as condições de trabalho; em seguida, as perguntas sobre o produto. Não pretendia permitir que seu charme substituísse informações concretas.

— Antes de começarmos, precisamos esclarecer uma coisa — falei. — Eu não crio lendas.

— E o que você cria?

— Identidade. A diferença é fundamental.

Ele apoiou os antebraços sobre a mesa.

— Explique.

— Uma lenda pode ser bonita mesmo que nunca tenha acontecido. A identidade de uma marca precisa resistir ao confronto com a realidade. Se afirmarmos que uma fragrância foi criada com base na fórmula da sua avó, preciso de fundamentos para escrever isso.

Por um momento, ele observou os documentos.

— Quero que as pessoas sintam que estão segurando nas mãos algo maior do que um perfume.

— Elas podem sentir isso sem que precisemos garantir que cada detalhe da história é um fato histórico.

— Mas, nesse caso, perdemos parte da emoção.

— Ou ganhamos credibilidade.

O sorriso desapareceu de seu rosto. Ele não parecia ofendido, mas, pela primeira vez desde que nos

conhecemos, deixou de tratar a conversa como uma agradável troca de argumentos.

— Trabalho nessa fragrância há quase dois anos — disse. — Investi nela um dinheiro que minha empresa não pode se dar ao luxo de perder. Preciso de um lançamento que desperte o interesse das pessoas.

— Eu entendo.

— Não tenho tanta certeza.

— Julian, entendo a pressão para vender. Isso não significa que vou concordar em escrever algo que não conseguimos comprovar.

Ele se afastou da mesa.

— E eu não quero que a história da minha família seja reduzida a um texto neutro numa embalagem.

Durante alguns segundos, permanecemos nos observando em silêncio.

Já não se tratava de identidade visual. Tratava-se de quem teria o direito de decidir qual história poderia ser contada.

— Nesse caso, talvez não devêssemos trabalhar juntos — falei.

Julian me olhou atentamente.

— Você desiste assim tão facilmente?

— De um projeto cujas condições não me agradam? Sim.

— Mesmo quando é interessante?

— Principalmente nesses casos.

Ele não desviou os olhos. Percebi que sua autoconfiança não vinha apenas do hábito de conseguir o que queria. Sob aquela tensão havia alguma coisa mais pessoal. Como se

não estivesse defendendo uma ideia de marketing, mas uma lembrança cuja perda não conseguia imaginar.

Por fim, abriu a caixa preta.

Dentro, acomodados em uma espuma macia, havia três pequenos frascos.

— Antes de decidir, sinta as fragrâncias.

— O cheiro não vai mudar minhas condições.

— Eu sei. Mas talvez mude a maneira como você enxerga o projeto.

Ele retirou o primeiro frasco e me entregou uma fita olfativa. Aplicamos nela uma pequena quantidade do líquido. Primeiro senti notas cítricas; depois, algo verde e úmido, como um jardim ao amanhecer. A composição era fresca e elegante, mas lhe faltava personalidade.

— Agradável — comentei.

— A palavra mais odiada na minha profissão.

— Por quê?

— Porque é o que as pessoas dizem quando não têm mais nada a acrescentar.

Ele mesmo abriu a segunda amostra. Era mais quente, mais intensa, com uma nota marcante de madeira. Fazia pensar num apartamento antigo cujas janelas davam para um jardim.

— Essa tem uma história — admiti.

— Mas não a história certa.

Ele não me entregou imediatamente o terceiro frasco. Ficou girando-o entre os dedos por alguns instantes, como se estivesse decidindo se queria revelar alguma coisa importante.

— Essa composição é a que mais se aproxima do que eu queria alcançar.

No papel surgiu o cheiro de laranja amarga, rosa delicada e cedro. Não era doce. Havia algo de austero e, ao mesmo tempo, extraordinariamente íntimo naquela fragrância. Depois de alguns minutos, ela se transformou, tornando-se mais suave e revelando uma nota quente que eu não havia percebido antes.

Fechei os olhos.

Por um instante, lembrei-me das noites de verão na casa da minha mãe. A varanda aberta, a cômoda de madeira e suas mãos com cheiro de creme. Não era exatamente a mesma fragrância. Era mais uma sensação semelhante de segurança, algo que havia anos eu não conseguia nomear.

— Exatamente — ouvi Julian dizer baixinho.

Abri os olhos.

— O quê?

— Essa é a expressão de alguém que acabou de se lembrar de alguma coisa.

Não perguntei como ele sabia. Talvez porque não quisesse falar sobre minha mãe com um desconhecido.

— Essa fragrância é excepcional — falei. — Não precisa de promessas falsas.

— Não pretendo falsificar nada.

Suas palavras soaram firmes.

Olhei para ele, tentando descobrir se o que o havia indignado era a própria sugestão ou o significado que atribuía a ela.

— Então não deveríamos ter problemas em registrar isso no contrato.

Por um momento, pareceu que ia dizer alguma coisa. Em vez disso, pegou a xícara.

— Está bem. Apresente suas condições.

Não deixei transparecer meu alívio.

Durante a hora seguinte, discutimos o escopo do trabalho. Eu ficaria responsável pela estratégia visual, pelo nome da linha, pelo design do frasco e da embalagem e pelos materiais de comunicação. A produção da fragrância caberia à equipe dele. Também estabelecemos que nenhum elemento da campanha seria publicado sem a aprovação de ambas as partes.

A questão do arquivo familiar foi a que mais nos tomou tempo.

— Quero que ele seja o coração do projeto — disse Julian.

— Ele pode ser. Mas preciso separar os documentos originais das interpretações.

— E se os documentos não contarem a história inteira?

— Então não vamos fingir que a conhecemos.

Anotei aquela frase.

Julian acompanhou o movimento da minha caneta.

— Você é sempre tão inflexível?

— Só quando tenho razão.

— Ou seja, sempre?

— Às vezes tiro folga.

Ele riu. Dessa vez, sua risada dissipou a tensão que nenhum de nós havia querido admitir.

Passamos ao cronograma. Ele propôs lançar o produto em oito semanas. Eu precisava de pelo menos dez, considerando as revisões dos projetos e as provas de impressão.

— Oito — repetiu.

— Dez.

— Nove?

— Nove e meia.

Ele me olhou, divertido.

— Estamos mesmo negociando meia semana?

— Não. Estou mostrando como é absurdo negociar o tempo de que a gráfica e os fornecedores precisam.

Por fim, concordamos com dez semanas, com a possibilidade de concluir o projeto antes caso todas as etapas transcorressem sem atrasos. Julian aceitou o cronograma, mas acrescentou uma condição: queria participar pessoalmente das decisões fundamentais relacionadas à narrativa e à aparência da marca.

— Não estou contratando você para entregar minha própria história a uma desconhecida — explicou.

— E eu não aceito um trabalho para que outra pessoa faça o design no meu lugar.

— Podemos manter o direito de opinar, nós dois?

— Desde que você seja capaz de aceitar uma resposta da qual não goste.

Ele me observou por alguns instantes.

— Vou tentar.

Aquela única palavra soou mais sincera do que uma promessa de concordância incondicional.

Quando ele saiu, depois de assinarmos um acordo preliminar, fiquei sozinha com as três fitas olfativas. A fragrância da última havia se transformado novamente. A intensidade cítrica dera lugar a algo mais delicado, quase semelhante ao couro.

Em vez de voltar ao projeto de cerâmica, abri meu caderno de esboços.

Desenhei um retângulo de cantos arredondados e depois uma única linha bordô. Ainda não sabia se ela faria parte da futura embalagem. Sabia apenas que aquela cor combinava com a fragrância: era profunda, mas não chamativa.

O celular vibrou.

Obrigado por hoje. Não é comum alguém me dizer não e, ainda assim, me fazer querer continuar a conversa.

Li a mensagem duas vezes.

Depende de você ter argumentos melhores da próxima vez.

A resposta apareceu pouco depois.

Vou me esforçar. Embora suspeite que esteja mais interessado na conversa do que em vencer.

Deixei o celular sobre a mesa, com a tela voltada para baixo.

Lá fora, um bonde passou pelos trilhos molhados. O ateliê estava impregnado de cheiro de café, papel e de um perfume que eu ainda não conseguia tirar da cabeça.

Eu tinha meus próprios planos, limites claramente estabelecidos e um excelente motivo para tratar Julian exclusivamente como cliente.

O problema era que, pela primeira vez em muito tempo, a fronteira entre a curiosidade profissional e alguma coisa muito mais pessoal não me parecia tão evidente.

E, quando abri o computador no dia seguinte, o primeiro arquivo que quis ver não foi o projeto para Copenhague.

Foi o esboço da embalagem da fragrância de Julian Wilk.

Capítulo 2 - Tudo o que não colocamos no contrato

Na sexta-feira, às dezessete e quarenta e cinco, assinei a versão definitiva do contrato e a enviei para Julian aprovar eletronicamente.

Fiz isso com a satisfação de alguém que acabara de colocar em ordem um dos elementos mais imprevisíveis da semana.

Pelo menos no papel.

Na realidade, durante os dois dias anteriores, havíamos trocado dezessete mensagens relacionadas ao projeto e outras três que eu não conseguia classificar em nenhuma categoria profissional.

A primeira continha uma fotografia de um gato sentado sobre uma caixa de etiquetas.

Novo gerente de controle de qualidade. Não aceita reclamações.

A segunda foi a resposta à minha pergunta sobre o salário do gato.

Muito maior do que deveria.

A terceira chegou tarde da noite.

Você também fica às vezes até mais tarde no trabalho porque não tem vontade de voltar para um apartamento vazio?

Não respondi imediatamente.

Aquela pergunta era pessoal demais para uma relação que, oficialmente, envolvia apenas o desenvolvimento de

uma marca de perfumes. Ainda assim, eu não conseguia considerá-la inadequada. Não parecia uma tentativa de forçar intimidade. Soava mais como uma confissão inesperada de algo que as pessoas normalmente não dizem no início de uma relação.

Sim. Mas nem sempre porque o apartamento está vazio.

Julian não tentou arrancar mais nada de mim.

Entendo.

E foi justamente aquela resposta que me fez ficar olhando para a tela durante tanto tempo.

Eu não gostava de pessoas que tratavam qualquer pequena abertura na cautela alheia como um convite para entrar. Dessa vez, ele havia permitido que eu decidisse quanto queria revelar.

Às seis da tarde, minha amiga Marta ligou.

— Está viva? — perguntou, em vez de me cumprimentar.

— Da última vez que conferi, estava.

— Ótimo. Porque há três dias você responde às minhas mensagens como uma funcionária pública ocupada emitindo decisões administrativas.

Sorri e fechei o computador.

Marta me conhecia desde a universidade. Trabalhava como arquiteta de interiores e possuía uma habilidade extraordinária para identificar meu estado de espírito pelo tamanho das minhas mensagens.

— Tenho um cliente novo — contei.

— Bonito?

— Não sei o que isso tem a ver com o assunto.

— Então é bonito.

— Marta.

— Está bem. Rico?

— Ele é dono de uma pequena fábrica de perfumes.

— Isso não é uma resposta.

— Não perguntei quanto ele tem na conta bancária.

— Isso também é uma resposta.

Sentei-me no parapeito da janela. Na rua, os primeiros postes começavam a se acender, e as pedras molhadas refletiam as luzes dos carros que passavam.

— Ele é teimoso — falei. — E tem uma tendência a desrespeitar cronogramas.

— Parece seu pior pesadelo.

— Deveria ser.

Marta ficou em silêncio por um instante.

— Ah, entendi.

— Nem comece.

— Eu não disse nada.

— Esse é justamente o problema.

Depois de encerrar a ligação, permaneci sentada, imóvel, por algum tempo. Não queria admitir para Marta, muito menos para mim mesma, que desde nosso último encontro eu havia pensado várias vezes no rosto de Julian. Na maneira como franzia a testa ao analisar minhas observações. No fato de não tentar esconder o cansaço quando a conversa passava para a responsabilidade de administrar a empresa.

Não havia nele aquela perfeição que costumava despertar minha desconfiança. Havia ambição, teimosia e algo muito

menos conveniente: a capacidade de escutar, mesmo quando discordava da outra pessoa.

O telefone tocou novamente.

Dessa vez, o nome dele apareceu na tela.

— Recebi o contrato — anunciou, sem qualquer introdução.

— Parabéns pela sua habilidade de abrir e-mails.

— Existe alguma proibição contra elogios no seu ateliê?

— Não. Só não oferecemos descontos por gentileza.

Ouvi sua risada.

— Tenho uma pergunta sobre a cláusula quatro.

Abri o documento.

— Pode falar.

— A parte sobre aprovação dos materiais de comunicação. Gostaria de poder apresentar minhas próprias propostas de texto.

— Você pode. Mas não podemos tratar documentos históricos como inspiração livre se depois vamos apresentá-los como fatos.

— Entendo. Estou falando do tom. Não quero que a marca pareça um relatório de arquivo histórico.

— Eu também não.

— Então podemos esclarecer melhor essa cláusula?

Durante alguns minutos, discutimos a redação. Julian concordou que os conteúdos apresentados como fatos precisariam ter suas fontes identificadas. Eu aceitei a possibilidade de criar descrições mais literárias, desde que o